

# O TEMPO EM BACHELARD: UMA RUPTURA COM O CONTINUÍSMO BERGSONIANO

José Ernane Carneiro Carvalho Filho<sup>1</sup>

Resumo: A visão que Bachelard desenvolve sobre o tempo está ligada aos acontecimentos que estão ocorrendo no início do século XX na Europa. Um destes marcos é a recente Teoria da Relatividade de Albert Einstein que rompia com a visão clássica de um tempo único em todos os lugares e que influenciará de forma determinante o seu pensamento. Outro marco nesse processo é o estudo das obras do filósofo francês Henri Bergson que discute a existência de um tempo único através da ideia de duração, num sentido anti-einsteiniano. Neste ambiente rico em debates filosóficos surge a obra do historiador francês Gaston Roupnel, Siloë, em que são discutidas as concepções de tempo numa perspectiva descontinuista, através da noção de instante. Esta obra de Roupnel impressiona Bachelard por estar em consonância com as suas ideias de ruptura, descontinuidade histórica, instante criador e por se encaixar com a Teoria da Relatividade de Einstein. A compreensão do conceito de descontinuidade histórica na Epistemologia Bachelardiana exige a relação que o filósofo francês estabeleceu com o conceito de duração da Filosofia Bergsoniana. É a partir da crítica que Bachelard estabelece ao conceito de duração que elabora a sua perspectiva do tempo descontínuo. O tempo, visto como instante em sua epistemologia permite conciliar

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual da Bahia

com o ponto de vista da Teoria da Relatividade onde não há um tempo universal e também com a ideia de instante criador. A compreensão do conceito de descontinuidade histórica na Epistemologia Bachelardiana exige entender a relação que o filósofo francês estabeleceu com o conceito de duração oriundo da Filosofia Bergsoniana. É a partir da crítica que Bachelard estabelece ao conceito de duração que elabora a sua perspectiva do tempo descontínuo.

O tempo, visto como instante em sua epistemologia, permite conciliar com a perspectiva da Teoria da Relatividade e também com a ideia de instante criador onde não há um tempo universal.

Neste sentido, enfatiza que, mesmo no domínio da física, não há um único tempo, válido em todas as situações. Essa diferença no fluxo temporal alcança de modo definitivo a esfera do psicológico. Neste âmbito, o tempo pensado não está em consonância com o tempo vivido, visto que, a continuidade temporal, percebida pela consciência, é o resultado das múltiplas superposições temporais. Bachelard, destacando, então, o caráter da superposição temporal, afirma que “o tempo tem várias dimensões; o tempo tem uma espessura. Só aparece como contínuo graças à superposição de muitos tempos independentes. Reciprocamente, qualquer psicologia temporal unificada é necessariamente lacunar, necessariamente dialética” (BACHELARD, 1994, p. 87). A espessura e as lacunas mencionadas podem ser compreendidas quando percebemos que o tempo do pensamento é verticalizado em relação ao tempo comum das coisas, que é horizontal. Bachelard explicita que o tempo vertical não é contínuo, ele é marcado pela descontinuidade, isto é, é lacunar. Essa construção temporal pela consciência se dá em vários níveis. Quanto mais distante do tempo horizontal, mais lacunar e mais livre o espírito está.

É a partir dessa perspectiva que Bachelard desenvolve uma crítica à concepção bergsoniana de tempo nas obras *L'intuition de l'instant* e *La dialectique de la durée*. Segundo Cesar, Bachelard, ao substituir “a duração bergsoniana por uma duração construída pela razão, os textos de Bachelard *A dialética da duração* e *A intuição do instante* reformulam, à luz da física relativista, o conceito de tempo vigente na filosofia contemporânea do início do século” XX (CESAR, 1996, p. 82). Assim, na obra *L'intuition de l'instant*, Bachelard desenvolve sua

concepção temporal, demonstrando como a Teoria da Relatividade e a obra do historiador francês Gaston Roupnel influenciou-o na formulação de sua concepção temporal. Nessa obra ele procura conciliar a ideia de um tempo descontínuo com a de progresso, de evolução por meio do conceito de hábito. Em relação à obra *La dialectique de la durée*, o objetivo é discutir sua concepção temporal no mesmo domínio que o de Bergson, o psicológico. Para tanto, enfatiza que o fluxo temporal não é mesmo para todos os fenômenos, visto que é “necessário estudar os fenômenos temporais cada qual segundo um ritmo apropriado, um ponto de vista particular” (BACHELARD, 1994, p. 7), pois para a consciência, o tempo não possui um fluxo único e universal. Para alcançar tal desiderato, ele apresenta um conjunto de razões com o intuito de provar que a ideia de um fluxo temporal é uma construção artificial da consciência a partir dos instantes apreendidos isoladamente.

Esta perspectiva de ver o fenômeno da duração implica em concebê-la como uma construção artificial de nossas escolhas e não como um dado contínuo num tempo que flui uniformemente, mas concebê-lo como um contínuo de possibilidades e descontínuo como ser, superando, assim, a visão bergsoniana de que o presente é um simples produto do passado.

Como a duração não é perceptível, mas apenas as recordações que construímos do tempo que passou, é necessário destacar que a ideia de um tempo que flui indiferente as nossas percepções psíquicas não se constituem numa realidade. O tempo, quanto mais ocupado, dá-nos a impressão de ser curto, ou seja, a apreensão do tempo varia em como nós nos apropriamos dele. Assim, é mais correto falar em densidade e riqueza do que em duração.

É partir da distinção que se faz entre o curso de um tempo bem utilizado ou não, que se percebe claramente o tempo. Sua percepção só é factível nesta dialética do útil e do inútil, pois é avaliando o que se produziu em seu curso e o que nos marcou, que apreende-

mos, então, artificialmente a noção de duração. Logo, essa duração só é perceptível em sua complexidade.

Bachelard estende a problemática da duração à causalidade que se apresenta, então, não como um fenômeno que dura e está ligado ao efeito, mas que está firmada em estados descontínuos porque se relaciona com uma estrutura orgânica independente e construída racionalmente. É a razão que estabelece o elo que interliga as duas. Essa ligação realizada pela razão ignora os efeitos estranhos que estariam relacionados à duração em si, e vincula-se, exclusivamente, aos dados que são valorizados no processo causal.

Essa percepção da causalidade implica estados orgânicos sucessivos, mas que não estão desenrolando-se no sentido bergsoniano, porque eles foram construídos racionalmente. É a racionalidade que estabelece uma hierarquia de eventos, definidos uns como causa e outros como consequência. A causa e a consequência não estão relacionadas temporalmente, no sentido que não implicam um tempo para acontecer; estão relacionados no âmbito da razão, por estabelecer nexos entre eventos que foram definidos *a priori*.

Essa percepção da causalidade leva a uma ruptura com a ideia bergsoniana do desenrolar. Nessa perspectiva, as relações temporais entre a causa e o efeito não são possíveis de serem percebidas no âmbito da inteligência, mas somente no da intuição que é o único aspecto da consciência humana capaz de perceber o desenrolar de uma causalidade. Bachelard discorda desse argumento ao demonstrar que a relação causal é um fenômeno racional, destituído de uma duração.

Bachelard almeja, portanto, mostrar que há uma clara distinção entre o tempo vivido e o tempo pensado. Para isso recorre à Física, nos domínios da Teoria da Relatividade e da Mecânica Quântica, com o intuito de provar que o tempo nesses ambientes difere entre si. O tempo da Teoria da Relatividade é múltiplo, ou seja, não existe um tempo universal, mas que varia a partir do referencial adotado,

embora esse fluxo temporal apresente um caráter contínuo dado pela ideia de movimento. Já o tempo na esfera da Mecânica Quântica apresenta-se como descontínuo, que é marcado pela mudança e não pelo movimento. Essa mudança não se dá de forma quantitativa, isto é, de lugar, mas de forma qualitativa no âmbito dos objetos quânticos.

Assim, Bachelard desenvolve uma noção temporal que prima pela liberdade do ser no aspecto psíquico, onde possa criar, se criar, isto é, se formar. Nesse sentido, a noção de durar é uma formulação do ser numa realidade flexível e móvel. Dessa forma, Bachelard se exprime afirmando que:

Acima do tempo vivido, o tempo pensado. Esse tempo pensado é mais aéreo, mais livre, mais facilmente rompido e retomado. É nesse tempo matematizado que estão as invenções do Ser. É nesse tempo que um fato se torna fator. Qualifica-se mal esse tempo ao dizer que ele é abstrato, pois é nesse tempo que o pensamento age e prepara as concretizações do Ser (BACHELARD, 1994, p. 24).

Essa percepção do tempo como construção demonstra que só é possível vislumbrar a nossa visão temporal a partir do presente. Porque é no presente que nos encontramos, logo, é a partir deste momento que é factível uma construção do fluxo temporal do nosso ser. O ser não consegue perceber o escoar da duração, mas, a partir das lembranças que marcaram sua vida, consegue, através de uma escolha racional, estabelecer uma linha de evolução temporal. Dessa forma é possível não “confundir a lembrança de nosso passado e a lembrança de nossa duração” (BACHELARD, 1994, p. 39).

Essa perspectiva adotada por Bachelard leva à concepção de História das Ciências descontínua, visto que o tempo concebido como instantes descontínuos e a duração como uma construção da

razão, permitem a visão de uma História das Ciências, recorrente e interpretada à luz do presente. Assim “a história das ciências, exaltando a novidade do instante, mostra que a atualidade é uma ruptura com o passado da ciência, fundamentando-se, assim, na noção de descontinuidade temporal” (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p. 64). Bachelard enfatiza, portanto, a ruptura com o pensamento bergsoniano de que é o passado que constrói o presente.

A concepção temporal desenvolvida por Bachelard implica numa descontinuidade no fluxo do tempo psicológico, mas não no tempo físico. Essa distinção é importante de ser ressaltada, visto que, mesmo no âmbito da Teoria da Relatividade Especial, a existência de vários tempos significa ainda a ideia de seu fluxo contínuo. Assim, quando o filósofo francês defende a existência de vários tempos para o indivíduo, não estaria relativizando o tempo local, que seria um absoluto na Teoria da Relatividade Especial? Neste contexto Perrot afirma que

Com a Relatividade, tudo que tinha como provas externas de uma Duração única, princípio claro da ordenação dos eventos, foi arruinado. O metafísico deve se limitar a seu tempo local, se fechar em sua própria duração íntima. O mundo não oferecia – pelos menos imediatamente - garantia de convergência para nossas durações individuais, vividas na intimidade da consciência (PERROT, 2000, p. 22).

Assim, percebe-se claramente que o recurso de Bachelard à Teoria da Relatividade de Einstein não significa uma garantia do valor de sua concepção temporal e que a existência de um tempo que flui continuamente ainda permanece em algumas áreas da Física. Neste sentido, as ideias de Bergson não podem ser consideradas ultrapassadas simplesmente, mas percebidas como tendo um significado que estabelece um sentido para a evolução do conhecimento humano.

A concepção desenvolvida por Bergson sobre a evolução do conhecimento humano está relacionada estritamente com a sua visão filosófica sobre o desenvolvimento da vida, isto é, do *elã vital*. Essa visão evolucionista, contínua e cumulativa sobre a evolução da vida também será transposta para os aspectos psíquicos. Essa transposição não é artificial porque, para Bergson, a evolução da vida é, na realidade, evolução de uma consciência que vai se expandindo nesse processo. É a partir desta evolução contínua que se dá a duração, ou melhor, a duração é o próprio processo de evolução que acontece no tempo. É o tempo que permite que a evolução aconteça, isto é, sem a dimensão temporal não ocorreria a evolução. É neste contexto evolutivo que surge a inteligência. A inteligência se constitui, portanto, “por um progresso ininterrupto ao longo de uma linha que, através da série dos vertebrados, se eleva até o homem” (BERGSON, 2005, p. IX).

É a partir da ideia de uma evolução contínua, tanto no reino das formas, como no da consciência, que se compreende a crítica bergsoniana à ideia de uma descontinuidade psicológica. Essa descontinuidade é artificial, aparente, construída por nossa atenção a partir das mudanças que percebemos e não se constitui na realidade:

A aparente descontinuidade da via psicológica prende-se, portanto, ao fato de que nossa atenção se fixa nela por uma série de atos descontínuos. (...) Mas a descontinuidade com que aparecem destaca-se sobre a continuidade de um fundo no qual se desenham e ao qual devem os próprios intervalos que os separam. (...) Nossa atenção fixa-se neles porque a interessam mais, mas cada um deles é carregado pela massa fluida de nossa existência psicológica inteira. Cada um deles não é mais que o ponto mais iluminado de uma zona movente que compreende tudo o que sentimos, pensamos, queremos, tudo aquilo, enfim, que somos em dado momento. É essa zona inteira, na verdade, que constitui nosso esta-

do. Ora, de estados assim definidos pode-se dizer que não são elementos distintos. (...) Mas, como nossa atenção os distinguiu e separou artificialmente, vê-se obrigada a reuni-los depois por um liame artificial (BERGSON, 2005, p. 3).

A ideia de uma descontinuidade psicológica entraria em conflito com a tese principal da Filosofia Bergsoniana que é a duração:

Se nossa existência fosse composta por estados separados cuja síntese tivesse que ser feita por um “eu” impassível, não haveria duração para nós. Pois um eu que não muda, não dura, e um estado psicológico que permanece idêntico a si mesmo enquanto não é substituído pelo estado seguinte tampouco dura (BERGSON, 2005, p. 4).

A continuidade psicológica evidencia-se para Bergson no presente quando nosso passado “manifesta-se-nos integralmente por seu impulso e na forma de tendência, ainda que apenas uma sua diminuta parte se torne representação” (BERGSON, 2005, p. 6).

Assim, podemos compreender a evolução contínua do conhecimento humano no pensamento bergsoniano. Essa evolução não ocorre meramente no âmbito do próprio saber, mas também na relação entre esse saber e os órgãos que a vida colocou à disposição do homem, isto é, a capacidade humana de compreender o mundo está relacionada com a sua própria evolução. Bergson estabelece uma estreita relação entre a teoria do conhecimento e a evolução da vida como um fator importante para se compreender como ocorre o conhecimento:

*A teoria do conhecimento e a teoria da vida nos parecem inseparáveis uma da outra. Uma teoria da vida que não vem acompanhada de uma crítica do conhecimento é forçada a aceitar, tais e quais, os conceitos que o entendimento põe à*

sua disposição: não pode fazer mais que encerrar os fatos, por bem ou por mal, em quadros preexistentes que ela considera como definitivos. (...) Por outro lado, uma teoria do conhecimento que não reinsere a inteligência na evolução geral da vida não nos ensinará nem como os quadros do conhecimento se constituíram, nem como podemos ampliá-los ou ultrapassá-los. É preciso que essas duas investigações, teoria do conhecimento e teoria da vida, se encontrem e, por um processo circular, se impulsionem uma à outra indefinidamente (BERGSON, 2005, p. XIII-XIV).

Neste sentido, a ideia de uma continuação no processo de construção do conhecimento humano extrapola as suas próprias bases, ao estabelecer que esse saber está limitado pelas condições evolutivas do homem e que os limites serão ultrapassados com a evolução.

Embasado na exposição das concepções de tempo empreendidas acima, percebe-se que Bergson e Bachelard chegaram a conclusões inteiramente divergentes a partir da mesma teoria da Física, no caso específico, a Teoria da Relatividade Especial de Einstein. Bachelard recorre à referida teoria para reforçar a sua concepção de tempo, já Bergson a critica para robustecer a sua.

O papel desempenhado pela consciência na perspectiva bachelardiana e bergsoniana diferem, mas demonstram que ela é imprescindível na apreensão do fluxo temporal. Enquanto Bergson admite que a duração é uma sensação como as outras, Bachelard argumenta que a sensação de durar é uma construção do ser a partir das escolhas que faz numa teia de instantes sem duração.

No âmbito do pensamento bergsoniano, “onde não há alguma memória, alguma consciência, real ou virtual, constatada ou imaginada, efetivamente presente ou idealmente introduzida, não pode haver um antes e um depois: há um *ou* outro, não há os dois; e é preciso os dois para fazer tempo” (BERGSON, 2006, p. 77). Logo, a consciência tem a função de ligar os fatos do passado ao futuro,

para que existe a noção do fluxo temporal.

Em Bachelard,

A consciência do tempo é sempre, para nós, uma consciência da utilização dos *instantes*, é sempre ativa, nunca passiva – em suma, a consciência de nossa duração é a consciência de um *progresso* de nosso ser íntimo, seja de progresso efetivo, imitado ou, ainda, simplesmente sonhado (BACHELARD, 2007, p. 86).

A consciência desempenha, portanto, o papel de conectar os instantes isolados no tempo. Como o ser é fragmentado no tempo, cabe à consciência, através do hábito, destacar os fatos da vida, dando uma perspectiva de continuidade e de evolução.

Vale ressaltar que a realidade do tempo diferencia-se entre os dois filósofos. Enquanto para Bergson o tempo só tem realidade a partir de uma consciência, isto é, “não se pode falar de uma realidade que dura sem introduzir nela uma consciência” (BERGSON, 2006a, p. 56). Para Bachelard, a realidade temporal existe de forma independente do sujeito. “*O instante, estabelecido com bastante precisão, permanece, na doutrina de Einstein, um absoluto. Para conferir-lhe esse valor de absoluto, basta considerar o instante em seu estado sintético, como um ponto do espaço-tempo*”. (BACHELARD, 2007, p. 34-35).

No entanto, a forma como o ser apreende os fatos nos instantes é definida pela consciência e expressa no indivíduo através dos hábitos. Há uma infinidade de instantes vividos pelo ser, mas é a consciência que seleciona aqueles que são relevantes para a sua constituição.

Assim, Bachelard e Bergson recorrem à consciência como elemento fundamental à compreensão do tempo, embora divirjam quanto ao papel que eles desempenham e a maneira como compreendem a própria essência do tempo.

Em Bergson, o tempo tem o aspecto de uma duração e não há nenhuma ruptura entre o passado-presente-futuro, tudo é um pleno *continuum* do tempo, onde qualquer demarcação em instantes é mera construção artificial, enquanto para Bachelard a duração é, na realidade, uma construção do intelecto humano, o que existe de fato é o instante que é inteiro e completo, não havendo a possibilidade de interligação entre eles. Assim, os tempos múltiplos da Teoria da Relatividade, em Bergson, é efeito de perspectiva e não tem uma existência real, mas em Bachelard o tempo real é aquele definido por Einstein como sendo o de um ponto no espaço-tempo.

Essas divergências entre Bergson e Bachelard parecem estar ligadas a âmbitos diferentes da realidade. Em Bergson, o fluxo do *elã vital* é uma corrente que vitaliza a vida, e a evolução da vida não possui um fim determinado, isto é, a novidade é grande característica da vida como afirma Vieillard-Baron (2007, p. 95): “a duração bergsoniana não tem nada a ver com um fluxo homogêneo, mas constitui uma emergência de novidade”. Em Bachelard a novidade aparece exatamente no instante, esse instante que é o grande *nó* da novidade, porque ele se constitui exatamente na ruptura com o passado. No entanto, é preciso compreender que Bachelard e Bergson estão falando de perspectivas diferentes. Bergson fala no âmbito da corrente da vida, do *elã vital*, enquanto Bachelard está tratando do particular, da experiência construída pelo sujeito no curso da vida.

Essas concepções divergentes levam a formas diferentes de compreender-se a evolução do conhecimento humano. Enquanto para Bergson o presente é explicado pelo passado, Bachelard defende que o passado é compreendido na perspectiva do presente. Portanto, elas implicam que o saber na ótica de Bergson é contínuo e cumulativo e em Bachelard é marcado por rupturas, onde o saber atual não é uma continuação do anterior.

Percebe-se, pois, que a construção de uma teoria científica, como a Teoria da Relatividade, não proporciona um consenso nos

meios acadêmicos, mas interpretações diferentes sobre os novos conceitos. As concepções divergentes de tempo que aparecem com a nova teoria levaram Einstein a afirmar que o tempo do físico não é o mesmo do filósofo. Deve-se considerar que o realismo de Einstein, ao defender a existência de um tempo independente da consciência, é problemático, pois é imprescindível reconhecer que os resultados das medições estão ligados aos aparelhos de medida como afirma Merleau-Ponty (2006, p. 172): “as condições de medida do tempo devem ser consideradas como limitando a própria natureza do tempo que consideramos”, isto é, a compreensão humana da realidade é dependente de suas teorias e de seus aparelhos, como afirma Bachelard sobre a emergência de uma fenomenotecnia que se constitui na construção de aparelhos que dão acesso a fenômenos antes não conhecidos ou imaginados pelo homem. Como os tempos da Teoria da Relatividade são relações estabelecidas entre eventos com velocidades distintas; Bergson é levado a afirmar que o tempo focado pela Filosofia “não é o tempo interior mas o tempo no qual estamos colocados, o tempo que habitamos, não o tempo e o espaço significativos da ciência, mas o tempo e o espaço efetivos” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 180) em que vivemos.

## Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração* [1936]. São Paulo: Ática, 1994.
- BACHELARD, Gaston. *A intuição do instante*. Campinas: Verus editora, 2007.
- BARBOSA, Elyana; BULCÃO, Marly. *Bachelard: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERGSON, Henri. *A evolução criadora* [1907]. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BACHELARD, Gaston. *Duração e simultaneidade: a propósito da teoria de Einstein* [1922]. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CESAR, Marcondes Constança. *A hermenêutica francesa: Bachelard*. Campinas,SP: Alinea, 1996.
- MERLEAU-PONTY, M. As noções de espaço e de tempo. In: MERLEAU-PONTY, M. *A natureza*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 163-181.
- PERROT, Maryvonne. *Bachelard et la poétique du temps*. Frnkfurt am Main; Berlin; Bern; Bruxelles; New York; Oxford; Wien: Lang, 2000.
- VIEILLARD-BARON, Jean-Luis. *Compreender Bergson*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. Série Compreender.